



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE CAMPINAS**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**O ADOLESCENTE É SEU CORPO :
A PRÁTICA ESCOLAR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA
UMA ABORDAGEM CULTURAL**

Ricardo Ricci Uvinha

**CAMPINAS
1992**

UNIDADE	FEF/981		
N.º CHAMADA:	TCC/UNICAMP		
	UV5a		
V.	Ex.		
TOMBO BC/	2513		
PROC			
C	<input type="checkbox"/>	D	<input type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 1,00		
DATA			
N.º CPD	362605		

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

RECEBIMOS DE

UNIDADE DE PESQUISA EM QUÍMICA

O VALOR DE R\$ 1,00 (UM REAL) A

TÍTULO DE EMPREGO DE

PROFESSOR ASSISTENTE

DE QUÍMICA ORGÂNICA

em nome de

UNICAMP



O Adolescente e seu corpo :

A prática escolar de Educação Física -
uma abordagem cultural

autor : RICARDO RICCI UVINHA
orientador : JOCIMAR DAOLIO

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação Fí
sica da Universidade Es-
tadual de Campinas como
requisito obrigatório pa
ra a conclusão do curso
de especialização em Edu
cação Física Escolar.

AGRADECIMENTOS

Esta obra foi confeccionada passo a passo e, sem a colaboração de algumas pessoas, certamente tornaria-se inviável sua conclusão.

Agradeço primeiramente ao mestre Jocimar, que fez de sua orientação séria e competente um verdadeiro gesto de apoio à minha iniciação acadêmica. Seria impossível formular palavras à altura de sua dedicação.

A Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela formação de um notável corpo docente e infra-estrutura de alto nível.

Aos professores e alunos das escolas participantes da pesquisa, pelo empenho e atenção que despenderam.

Estendo também agradecimentos à minha família, pela assistência moral (e financeira) em grande parte da minha escolaridade firmada até aqui. (Digamos que ela esteja apenas começando).

Finalmente, aos amigos do curso de especialização fica um misto de tristeza, pela ausência no término do mesmo e, simultaneamente, e de forma mais intensa, uma irradiante alegria por saber que esta amizade foi fundamental aqui e certamente por toda a vida.

SUMÁRIO

	página
INTRODUÇÃO	01
1. Do corpo biológico ao corpo social-Contribuições da Antropologia	02
2. Adolescência - Abordagem Sócio-Cultural	06
3. O corpo adolescente : uma nova realidade física e social	11
3.1. Mudanças de ordem quantitativa	11
3.2. Mudanças de ordem qualitativa	13
4. Justificativas de uma Educação Física escolar para adolescentes	15
5. Uma ilustração da prática de Educação Física escolar para adolescentes	18
5.1. Justificativa	18
5.2. Método	18
5.3. Análise dos dados	19
5.3.1. Análise da escola da rede particular de ensino	19
5.3.2. Análise da escola da rede pública de ensino	20
5.4. Discussão dos dados	21
6. Considerações finais : Subsídios para uma prática escolar de Educação Física para adolescentes	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

Inúmeras considerações conferem à Adolescência uma fase da vida tida como especial. Além de, sabidamente, ser um período de intensas mudanças físicas, cognitivas e afetivas, num período curto de tempo, é também a afirmação de uma nova realidade social, histórica e cultural.

O presente trabalho ressalta, primeiramente, as implicações de um corpo humano visto sob uma ótica que extrapola suas capacidades orgânicas: a cultural. Logo após, será abordado especificamente o "novo" corpo adquirido pelo jovem e toda a significação social enraizada no mesmo. A partir daí, será atribuída à disciplina Educação Física na escola uma atuação de reconhecimento das possibilidades e limites deste corpo mutante, oferecendo, assim, subsídios para que sua prática, sob um enfoque cultural, assumia significado na integração do jovem na sociedade adulta.

1. DO CORPO BIOLÓGICO AO CORPO SOCIAL - CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA

Na mais breve divagação em torno de nós mesmos, perceberemos que somos afetados consideravelmente por elementos intervenientes que nos são pertinentes e explicitamente vinculados: nossa profissão, religião, classe social e vários outros fatores ditados pela cultura em que vivemos e fazemos parte. Como produto de uma base cultural, estão as atividades relacionadas ao corpo do homem (BRUHNS, 1985). Ao corpo pode ser conferido o mérito de ser o meio de contato mais próximo, primário, um verdadeiro elo que o cerca. Porém parece que toda esta relevância das influências culturais no comportamento corporal humano não vem sendo considerada na discussão da questão no âmbito educacional. Uma tendência abusivamente naturalista vem sendo observada nas formas de se educar este corpo até os dias atuais, onde a Educação Física é conferida uma grande parcela de responsabilidade nesta discussão.

Num rápido resgate da história acerca da Educação Física brasileira, nos é permitido evidenciar como componentes biológicos a influenciaram de forma marcante e intensa. Fatos podem ser relevados como o surgimento da área já vinculada à Medicina. Justifica-se, talvez a partir daí, a enorme demanda de cursos a nível superior de Educação Física oferecidos e ministrados por médicos. Verifica-se até hoje um caráter higienista que promulga a obrigatoriedade em muitos lugares da execução do exame médico nas escolas, um pré-requisito no desenvolvimento das aulas de Educação Física. E toda esta tendência à biologização parece estar ainda mais explícita exatamente nestas aulas.

Sem muito esforço, pode-se perceber, numa rápida análise destas aulas ministradas nas escolas, que a mesma procura atender a um grupo considerado homogêneo, enquadrado num mesmo nível de desenvolvimento. A partir deste fato, concebe-se a simples idéia de que, se os alunos possuem a mesma estrutura óssea, muscular, enfim, uma constituição comum a todos, justifica-se que devam, por exemplo, possuir o mesmo

grau de impulsão, a mesma habilidade num drible com a bola ou ainda a mesma força de arremessar um implemento. Se alguma diferença no comportamento corporal do aluno for observada na execução do programa de aulas, a ela é empregada um conceito de que a natureza promoveu uns alunos que são mais fortes, ágeis, notavelmente superiores e aptos para atingirem o objetivo almejado. Quem não se enquadra nesse padrão parece ter duas alternativas: ou procura se adaptar a uma aula que elucide quem é habilidoso ou então fica dessintonizado ao extremo. Fatores como estes levam a concepção de universalidade do movimento humano, onde o mesmo deve ser trabalhado igualmente em qualquer lugar, qualquer que seja a época (DAOLIO, no prelo).

↳ Uma contraposição a esta exclusividade biológica enfatizada até hoje nas aulas de Educação Física pode ser o enfoque de uma abordagem aparentemente tida como inexplorada: a cultural, onde os elementos pertinentes à concepção biológica não são totalmente extinguidos, mas sim, vinculados à intervenientes culturais relativos ao meio social em que o indivíduo vive.

Fundamentando esta discussão sobre o quê biológico e o quê social, a Antropologia pode fornecer bases sólidas de apoio, já que apresenta como característica própria a busca de um instrumental metodológico que permite, através de comparações sistemáticas, o encontro de semelhanças e/ou dissimelhanças entre as sociedades humanas (Enciclopédia Britânica, 1982, v.3). Ela se preocupa em entender como cada cultura molda a personalidade dos indivíduos, de forma consciente ou não, através de suas instituições e modelos que lhe propõe. Em outros termos, a Antropologia nos ensina que não se pode compreender a natureza do Homem apenas em termos naturais, pois na mesma matéria coexistem significativamente um corpo biológico e um corpo social (RODRIGUES, 1986). A constituição biológica do corpo humano é inegavelmente semelhante em qualquer parte do mundo, porém o que determina se suas potencialidades podem ou não ser desenvolvidas são as especificidades culturais. A Antropologia ainda nos empresta uma noção básica de relativismo cultural, onde as formas de se conceber o real e as práticas culturais do corpo são meramente invenções sociais, referidas à época e espaço específicos.

cos. (ZANLORENZI, 1992).

distinto Parece-nos, portanto, que um enfoque antropológico simboliza uma lente para a compreensão do comportamento motor humano sob uma discussão mais ampliada, inserido num contexto social.

Se o corpo é, enquanto objeto da Antropologia, componente da própria cultura, é também o meio pelo qual o Homem se expressa: no, com e através dele. Como foi abordado, pode até haver entre os Homens um "arcabouço biológico" semelhante, porém, parece óbvio que este se expressa e se desenvolve diferentemente dependendo das influências a que está vinculado. Em face disto, há toda uma interação dinâmica entre os componentes biológicos e culturais.

Na busca de uma maior discussão sobre o assunto, é indispensável citar o trabalho de MARCEL MAUSS. O autor foi pioneiro na sistematização de concepções relativas à expressão corporal vista sob uma ótica cultural. Observando as atitudes corporais pertinentes aos povos que estudava, percebeu as especificidades dos hábitos próprios a cada um deles. Concluiu que todos os indivíduos aprendem aquilo que é particular da sua sociedade, e que lhe será exigido em todas as condições, em diferentes ocasiões. A noção de um aparelho corporal determinado apenas por respostas orgânicas dá lugar também à concepção de um corpo como um verdadeiro receptáculo de normas, padrões, enfim, valores impostos por um dado ambiente social. MAUSS (1974) definiu o termo Técnicas Corporais como sendo "as maneiras pelas quais os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos (p.211). Assim sendo, é a sociedade em específico, em seus distintos momentos históricos e com sua experiência acumulada, que irá atribuir a este corpo certas técnicas corporais de movimento. O autor apresenta exemplos de comportamentos motores próprios e representativos de um ambiente social específico em um determinado momento da história a fim de ilustrar suas afirmações, como o andar, o correr, o saltar, o nadar e outras práticas culturalmente determinadas.

Com igual destaque, pode ser citado o trabalho de Rodrigues, onde o autor coloca que defrontar-se com os movimentos, os atos, os gestos deste corpo não pode simplesmente

te, se restringir a uma verificação dos mesmos como sendo distintos de cultura para cultura. A estes dados corporais o autor denominou de conteúdos denotativos. Além de considerar estes conteúdos, seria necessário interligá-los ao universo dos símbolos, das representações, compreendendo o quanto eles estruturam as relações corporais entre os homens. A esta compreensão dos princípios, normas e valores numa dada sociedade que direcionam o comportamento corporal humano, são atribuídos os aspectos denominados de conteúdos conotativos. O autor ainda coloca que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual o ambiente social imprime formas segundo suas próprias disposições, ou seja, inúmeras forças sociais se aplicam na base física do corpo (RODRIGUES, 1986). O corpo é sabidamente suscetível a influências vindas do exterior; a ele aflora-se a idéia de ser um receptor de valores, de signos sociais. Trilhando este pensamento, pode ser citado o trabalho de Kofes, onde a autora indica como o corpo está radicalmente submetido aos anseios de uma sociedade. Questiona a existência de uma linguagem particular do corpo, já que o que se constata atualmente é a grande oferta de discursos pertinentes e sobre ele, mas não realmente próprios dele. Ela enfatiza ainda que "o corpo é a expressão da cultura, portanto cada cultura vai se expressar através de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura" (KOFES, 1985, p.52). Os costumes sociais e toda forma de expressão cultural, mesmo sendo o corpo uma afirmação individual, são decisivos no comportamento corporal apresentado por um membro da sociedade. Fica evidente que os princípios gerados pela cultura numa dada sociedade, num dado período histórico, são também representados pelo conjunto de posturas e movimentos relativos ao corpo. Se o corpo é a expressão de uma cultura e o professor de Educação Física na escola atua diretamente através deste corpo, uma discussão sobre o seu papel enquanto agente social deve ser considerada.

2. ADOLESCÊNCIA - ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL

Este capítulo pretende relacionar o relativismo cultural afirmado pela Antropologia e as noções de interpretação de um corpo social a uma fase considerada como especial no desenvolvimento humano: a Adolescência. Especial enquanto um período intenso de transformações orgânicas, enquanto alterações psicossociais, enquanto apropriação de um novo corpo. Um corpo que sabidamente é via de acesso à compreensão de um mundo dinâmico, ditador de distintas normas e regras.

Aqui também se firma o empréstimo dado pela Antropologia ao estudo da Adolescência, que, através de destacados trabalhos empíricos, revelou que a transição entre uma criança e um adulto poderia ter como duração apenas poucos dias ou até muitos anos (muitas vezes nem se precisando muito bem o final). Se nas sociedades tidas como complexas, frequentemente não se reconhecem momentos marcantes tidos como início, meio e fim, nas sociedades tidas como primitivas, um ritual poderia configurar tal passagem.

Isto nos leva a refletir sobre os comportamentos biológico e cultural que permeiam a Adolescência. Já foi dito que na mesma matéria, natureza e cultura coexistem e, até mais do que isso, há uma intensa interação entre ambas. Na Adolescência, o que se tem de realmente natural é o fenômeno da puberdade, característico de toda a espécie humana. Porém, como este fato ocorre, em que circunstância, como é passível de interpretação num dado grupo, varia intensamente de uma sociedade para a outra. Acerca desta reflexão, deram rumo interessantes alguns estudos antropológicos. O que era tido como exclusivamente universal e inerente à própria natureza humana cederia à idealização de que grande parte das mutações comportamentais juvenis decorreriam da influência cultural sobre o indivíduo.

Mead buscou reflexões sobre o assunto nos trabalhos empíricos com jovens da ilha de Samoa. A autora conclui que poucas ou talvez nenhuma das características humanas seriam de fato universais. Não podem ser determinadas biogeneticamente, já que as células germinais não transmitem cultura.

Descrevendo detalhadamente a vida do jovem em sociedades denominadas primitivas, ela acentua, através das demonstrações dos rituais de pubescência, a importância das instituições sociais e dos fatores culturais no desenvolvimento do Homem (MEAD, apud MUUSS, 1976).

colegia O trabalho de campo realizado por Mead seria confirmado teoricamente pelos estudos de Benedict. A autora, também citada por Muuss, procurou salientar, num embasamento fundamentalmente teórico, que o condicionamento cultural e as diferenças interculturais estão acessíveis somente ao Homem, o superior entre os outros animais. A personalidade individual do Homem seguiria relacionada segundo um sistema de vida de uma determinada sociedade. O curso do desenvolvimento deveria ser gradual e contínuo durante todas as etapas da vida. Mas é justamente na Adolescência que pode haver uma "quebra", uma descontinuidade no processo, variável de cultura para cultura. Ressalta ainda que é nessa fase que ocorrem os maiores contrastes na conduta, frequentemente assinalados em sociedades como a nossa. Por haver esta verdadeira descontinuidade nos papéis que o indivíduo assume nos seus diferentes momentos da vida, uma tensão emocional intensa pode implodir no comportamento social do jovem. Num condicionamento cultural tido como contínuo (como o de Samoa, por exemplo), marca-se um crescimento lento, gradual, inofensivo à estrutura emocional juvenil. Os contrastes oferecidos pelas sociedades complexas referem-se sobretudo à desequilíbrios. No primeiro deles - o da responsabilidade - há uma mudança repentina entre o "status" de criança despreocupada e o de jovem adulto. As crianças são compelidas a competir em pé de igualdade com outros adultos. Já no segundo - o referente a termos de liderança - a discrepância assinalada entre a submissão infantil e o domínio adulto, oferece ao jovem um forte conflito emocional, já que uma suposta independência acontece muito rapidamente. Finalmente, no terceiro contraste - o relativo ao desempenho dos papéis sexuais - atribui-se às instituições sociais, e não simplesmente à fase pubertária ou a maturidade fisiológica, como influentes no processo de desequilíbrio quanto à identidade sexual: passa-se de uma costumeira censura quanto à sua função, quando criança, para uma rápida cobrança quanto à sua prática de uma maneira ex

pressivamente frequente, quando adulto. A autora, portanto, defende a continuidade dos papéis desempenhados pelo indivíduo através da influência cultural sobre ele numa dada sociedade (BENEDICT, apud MUUSS, 1976).

Pressupostos teóricos em pesquisas no campo da Psicologia Genética puderam ser aplicados à teoria da Adolescência. Um autor que contribuiu notavelmente acerca deste estudo foi Piaget. O autor enfatiza o desenvolvimento a partir da aquisição das denominadas "estruturas cognitivas", onde um processo dinâmico de desajustes provisórios conduz a cognição a estágios mais maduros. Este período, intitulado Operatório Lógico Formal, assinala uma superioridade cognitiva culminada na Adolescência. O jovem adquire um novo e amplo potencial imaginativo, passando a ser capaz de abstrair, supor, criar, enfim, críticas e hipóteses. É o que permite o recente pensamento hipotético-dedutivo: ele se apóia em estruturas abstratas, de onde flui o imenso potencial cognitivo rumo à afetividade e à socialização. Os exageros imaginativos frequentes nesta época com intensas fantasias e idealizações são relativos ao processo de afetividade. Já frente à socialização, estas condições superiores, fruto do desenvolvimento intelectual, tornam o jovem capaz de refletir sob um referencial ampliado sobre as questões sociais na qual ele consideravelmente está ligado. Rumo a este processo de socialização, o jovem procura junto a outros jovens uma união que permita adquirir novas formas de convivência e identificação. Piaget ressalta que é principalmente nas discussões com os colegas que o criador de teorias frequentemente descobre, pelas críticas às dos outros à fragilidade das suas "(PIAGET e INHELDER, 1976, p.257).

Salientando ainda a importância dos grupos e sua expressiva formação em sociedades tidas como complexas como a nossa, é interessante citar o estudo de DONEDA (1986). Observa-se que a consciência do eu, a descoberta de que subsiste uma importância, cria no jovem a necessidade imperativa de aceitação pelo grupo. Muitas vezes não aceitos, alguns distúrbios podem ser criados em sua conduta, na formação de alternativos, bandos e em casos essencialmente extremos "gangs" marginalizadas. Mas o que parece ser comum a todos os grupos, independente de sua formação, é que cada um apre-

senta todo um aparato de códigos, estilos próprios, onde tes tam os máximos limites e embrenham-se em aventuras. Ressalta ainda a autora que estas constantes provocações tendem a ser eliminadas quando o jovem for gradativamente se identificando com a figura dos pais e parar de se angustiar constantemente com sua maturidade sexual. Por vezes se constata ainda uma certa intolerância aos adultos e, conseqüentemente, aos pais, por fazerem parte deste grupo, na busca pela identidade e afirmação. Isto porque a capacidade de pensar num futuro próximo com uma visão ampliada da vida permite ao jovem criticar os valores sociais muitas vezes advogados pelos pais. Num caso extremo, pode ser assistida ainda a saída do jovem do âmbito familiar numa condição de temporário desligamento.

Gradativamente, muitos jovens vão adquirindo uma certa autonomia extra-lar, fruto dos recursos advindos do seu próprio trabalho remunerado. Numa sociedade capitalista e competitiva como a nossa, faz-se necessário tal auto-suficiência em muitas famílias. SALEM (1986) ainda alerta para o fato de os jovens representarem as expectativas e os projetos dos próprios pais, numa evidente preocupação frente a um futuro profissional que está bem próximo, fato este principalmente observado em classes sociais mais favorecidas.

Um fato que se tornou muito difícil de precisar é quando acaba a Adolescência. Se, nas sociedades tidas como primitivas, é quando se concretizam os rituais de passagem, em sociedades como a nossa, não parece ser desta forma. É bastante comum ouvirmos pessoas relatarem ainda sentir-se os cilando entre o mundo infantil e o adulto. Porém, parece que a influência cultural tem papel decisivo desde a entrada no processo de maturação, onde o jovem deixa de ser uma criança, até finalmente sua incursão ao mundo adulto, onde ocorre uma verdadeira adaptação psicossocial. Citando novamente Piaget, este fato de afirmar-se psicossocialmente leva o jovem à evolução de um quadro de reflexão abstrata para o estado de realização. (PIAGET e INHELDER, 1976).

Também o momento em que vivemos na história parece exercer papel decisivo no direcionamento do comportamento juvenil. Bom exemplo disto foi aqui mesmo no nosso país nos anos 60, onde a política exprimia a necessidade de uma re-

construção de determinados padrões, costumes, relações sociais (GODOY, 27 de julho, 1992). Em cada década parece ter havido uma contribuição decisiva. As influências - musicais, os movimentos alternativos (pode-se citar aqui os "hippies") a busca pela superação da censura, a luta por uma identidade certamente marcaram uma época. Nos dias atuais, a juventude mostra a sua força, contrariando discursos proferidos de que são indiferentes a tudo, saem as ruas em diferenciados movimentos, criam suas próprias organizações ansiando por uma sociedade mais justa e democrática.

É portanto imprescindível contestar a concepção de que todo o jovem é universalmente o mesmo. A cultura, a história, enfim, o meio social em que vive, são fatores fundamentais para o seu desenvolvimento.

3. O CORPO ADOLESCENTE : UMA NOVA REALIDADE FÍSICA E SOCIAL

O capítulo pretende demonstrar as mutações sentidas pelo Homem na Adolescência. A partir daí, relacionar este corpo em dinâmica mutação às concepções de corpo como um indicador sócio-cultural, abordadas anteriormente.

As mudanças físicas situadas no período da Adolescência podem ser discutidas em duas óticas distintas: as de cunho quantitativo (todo o turbilhão de transformações orgânicas) e as qualitativas (representação destas mudanças como um verdadeiro marco cultural) (SÃO PAULO, 1992).

3.1. Mudanças de ordem quantitativa

Nas mudanças tidas como quantitativas encontramos a puberdade como a desencadeadora de toda a etapa do processo de transformação biológica. Pelo que se sabe, tal fenômeno é universal, ou seja, coincide cronologicamente nas distintas civilizações humanas, nos distintos momentos da história. Relaciona-se ainda ao fenômeno muita das reviravoltas psicossociais e novas capacidades intelectuais. O que parece não ser universal nos processos pubertários é a idade exata que a mesma se inicia para todos, além das diferenciadas em velocidades nos graus de desenvolvimento.

Talvez uma idéia mais abrangente sobre a puberdade seria extrapolar a simples compreensão de que é um fenômeno considerado por muitos como fantástico, que permite à criança uma capacidade de reproduzir, de gradativamente obter uma forma corporal semelhante a do adulto. Segundo SETIAN e cols (1979), a puberdade corresponde a um período de profundas alterações orgânicas, onde uma sequência especial de eventos garantirão maturidade fisiológica. Os autores indicam que o fenômeno tem início numa maior capacidade de produção estrutural do hipotálamo, uma região vital do cérebro. Acompanhando um longo processo de desencadeamento, logo em seguida é estimulada uma glândula denominada hipófise. Esta seria como um órgão centralizador de poderes, sendo o maior deles re

gular o funcionamento de outras glândulas. Como fruto dessa macro-estimulação, tem-se dois fatores peculiares da puberdade: o estirão do crescimento e o desenvolvimento sexual.

O estirão do crescimento geralmente acontece primeiro nas meninas (por volta dos onze-doze anos) e, logo após, nos meninos (doze-catorze anos). Citando de uma forma resumida, esse súbito crescimento ocorre através da liberação abundante de um hormônio denominado somatotrofina (ou o popular HGH: hormônio do crescimento humano). Nessa onda de crescimento, tem-se o aumento no número das células musculares (até catorze vezes nos meninos e dez vezes nas meninas); uma expressiva aceleração estatural; um alongamento ósseo-articular considerável; uma notável alteração no metabolismo basal, acometendo, principalmente, o tecido gorduroso. Esses fatores são os principais relacionados ao crescimento dos jovens. Ele ganha uma súbita alteração de estatura (com braços e pernas num tal tamanho que até por muitos momentos permanecem desarmonizados com o tronco). O que ele ganha de musculatura (principalmente os meninos) é assustador. As gorduras peculiares da infância vão sendo em parte eliminadas, os ossos alongam-se e dão um ar de robustez aos meninos com alargamento dos ombros. Por outro lado, nas meninas proporcionam o sentido de uma próxima capacidade de procriação, com o alargamento dos quadris. O contorno nas linhas do corpo e uma certa sensação de harmonia orgânica vai sendo adquirido à medida em que a velocidade de crescimento for decrescendo (MARCOS CONDES e cols., 1979).

Se todos esses fatores não bastassem para proporcionar uma certa forma ao corpo do jovem, é pertinente ainda a ele nessa fase uma grande revolução sexual. Citando a obra de BECKER (1985), é possível obter alguma compreensão do assunto. Aquela já citada anteriormente glândula hipófise, como se sabe, estimulada pela região cerebral hipotálamo, promoverá uma hiper-ativação em outras glândulas do organismo humano. Estimulados, os ovários nas meninas liberarão os óvulos; o aumento volumétrico dos testículos nos meninos desencadeará a produção de espermatozoides. Ambos os fatores são fundamentais no ciclo da reprodução humana. Paralelamente a este processo primário, serão desenvolvidas as características sexuais secundárias. Nos meninos, refere-se a alterações

significativas, entre outras, o aumento testicular e penia no, o surgimento dos pelos na face, axilas e púbis; a voz vai ganhando uma tonalidade grave. Nas meninas, pode-se destacar o aumento do volume mamário, o desenvolvimento dos pelos axilares e pubianos, a oleosidade excessiva da pele e do couro cabeludo e significativamente a menarca (primeira menstruação). Mas é preciso salientar que os autores consideram todas essas mutações não acontecem para todos na mesma idade: são padrões biológicos passíveis, cronologicamente, de desvios e não padrões puramente matemáticos, exatos numa certa época.

3.2. MUDANÇAS DE ORDEM QUALITATIVA

Porém tão significativa quanto os fatores quantitativos anteriormente citados, é a análise da representação social que esse novo corpo pode implicar num contexto sócio-cultural. Frisando este assunto, merece destaque a obra de FURTER (1975). O autor indica todas essas mudanças de dimensão quantitativa como uma verdadeira transformação na representação social do jovem enquanto membro da sociedade. Segundo o autor, seria bastante cômodo pensar conforme uma concepção "inatista biologizante", onde o fenômeno natural da puberdade viria por provocar um sério crescimento irregular; seguindo daí, viria uma evolução intelectual radicalmente caótica; tudo isso promoveria a tão defendida crise juvenil. Porém, nos ensina FURTER que o educador que se basear numa tese de que todo jovem é rebelde e frustrado, fatalmente experimentará um fracasso no seu trabalho. As alterações psicossociais apresentadas nesta fase não são exclusivamente geradas pela puberdade e sim coincidem com ela.

Ao invés de ter como solução abreviar a Adolescência a fim de evitar uma fase caótica da vida (como muitos consideravam), o autor sugere uma compreensão mais globalizante da mesma a partir de um elemento que identifica o jovem no mundo em que vive: o corpo.

Em princípio, o adolescente experimenta uma certa inquietude gerada pela verdadeira invasão de um novo corpo. Quando criança, crescia com o seu corpo, assimilava seus movimentos de imediato, estava praticamente "enterrado" em seu

próprio corpo. Quando jovem, há a manifestação do alheio e do estranho. Furter conceitua que "tem início a adolescência no momento em que o corpo se impõe à atenção do indivíduo" (FURTER, 1975, p.23). Assinala-se a partir daí o início de uma reflexão ética. Mesmo alheio a este corpo, permanece como sendo seu. "Não estou diante do meu corpo, sou meu corpo" (MERLEAU-PONTY, apud FURTER, 1975). Esta reflexão que encaminha à consciência dos outros e a de si mesmo é iniciada quando o jovem descobre a invasão irresistível deste novo corpo sobre o "eu". Assim

Portanto, as mudanças "quantitativas" permitem ao jovem adquirir um novo corpo num rápido espaço de tempo. Configurando as mudanças "qualitativas", o adolescente percebe gradativamente que este corpo que acaba de adquirir é um verdadeiro poder que lhe abre o mundo, que o coloca em relação com o exterior, com o meio em que vive e em particular nas relações com o outro.

social.

to o adole

tanto o ex

tando oca

nhor. A

comece a

te por ex

sin o seu

equilibr

o azed

tor, a

perante

eliminaç

precisav

perzute

los, ad

nificaç

pbre a

zado pu

que "o

ctar, a

eleam

4. JUSTIFICATIVAS DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA ADOLESCENTES

Como visto anteriormente, o "novo" corpo do jovem implica não tão somente em ter novas dimensões orgânicas, novas capacidades somáticas: é também deste corpo exigida uma certa responsabilidade, de forma variada, dependendo do meio social a que está vinculado. Segundo FURTER (1975), para obter um nível considerado aceito por este meio social, o corpo deverá apresentar uma certa forma, um estilo, uma verdadeira harmonia dos movimentos. Porém, até se chegar a esta tão almejada harmonia, um tortuoso trajeto costuma ser percorrido. A Educação Física, enquanto componente curricular na escola, atuante através deste corpo, pode estimular consideravelmente esta busca rumo à qualidade, executando seu papel social.

Citando novamente FURTER (1975), num primeiro momento o adolescente recusa que o seu corpo de fato existe. Para tanto o reduzirá a um mero objeto, lutando contra ele, tentando domá-lo de todas as formas, tornando seu absoluto senhor. A primeira manifestação pela busca de movimento talvez comece a partir daí: é observada uma fascinação do adolescente por esforços prolongados, dispersores de energia, pois assim o seu corpo será dominado pela força e pelo desgaste. O equilíbrio físico, momentaneamente, pode ser alcançado, mas o mesmo ainda não ocorre num plano psicológico. Segundo o autor, a tendência, às vezes, escapa da mais pura idéia de superar-se, de vencer obstáculos, para chegar até o extremo de eliminação deste corpo. Porém, parece impossível eliminá-lo precisamente por ser seu próprio corpo. Aos poucos, o jovem percebe que o corpo não se limita a ligá-lo ao mundo: os gestos, as atitudes promovidas por ele serão carregadas de significação social. À sociedade, o contato com os demais, impõe a aprendizagem de todo um repertório corporal caracterizado por gestos, atitudes e novos reflexos. Ressalta o autor que "os movimentos já não são mais simplesmente o desabrochar, a manifestação do equilíbrio corporal individual: são elementos de uma cultura" (p. 25). Em face disto, os ado-

lescentes devem aprender a controlar todos os seus gestos e atitudes, sob pena de passarem por inaptos aos olhos da sociedade.

Como foi sugerido anteriormente, a disciplina Educação Física pode ser uma poderosa ferramenta educacional no trabalho com este corpo em constante mutação. FURTER (1975), explicita tal colocação atribuindo ao jovem a necessidade de uma "aprendizagem fisiológica", ou seja, "o delicado esforço pelo qual os adolescentes reconhecem seus corpos, do qual se tornam senhores, respeitando seus limites externos e internos" (p. 27). Apesar do termo "fisiológica" emitido pelo autor talvez implicar numa abordagem exacerbadamente biológica, desprovida de contribuição sociais, a esta aprendizagem são atribuídas duas distintas tarefas que confirmam uma influência cultural: a primeira, com um sentido de posse, o desenvolvimento racional das novas possibilidades orgânicas e o reconhecimento consciente dos limites corporais; a segunda, com o sentido de respeito, que se fundamenta sobre um esforço de adaptação ao corpo e sobre uma reflexão a respeito do comportamento corporal. Esta posse e respeito do novo corpo exige do jovem um comportamento corporal, sugere uma atitude moral. Parece ser coerente a Educação Física lidar com isto.

No programa proposto pela CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas), de forma semelhante, é sugerido que as aulas de Educação Física possam se constituir numa oferta a uma melhor compreensão dos alunos quanto às possibilidades do seu novo corpo. Esta disciplina não deve se reduzir simplesmente a uma atividade recreativa e desvinculada do currículo escolar. Devem também ser evidenciados conteúdos como os esportes, por exercitar entre outros fatores, a nova capacidade intelectual do jovem, com a prática de regras coletivas num trabalho em grupo (São Paulo, 1992). Novamente citando FURTER (1975), o autor afirma que o adolescente joga consigo mesmo e com o adversário através de seu corpo. Com relação a este adversário, ele costuma estar sempre presente, ainda que se reduza a um obstáculo físico (como um muro, uma escada, uma rede). Sua simples presença faz com que o jovem procure ganhar um melhor estilo de movimento ultrapassando desafios. Porém, a presença de um obstáculo huma

no tendo o outro como adversário parece ser de fato indispensável: de início serve como um padrão, uma vez que o desempenho implica na comparação com os resultados de outros; logo após, descobre-se que o adversário é igualmente forte; a partir daí, o jovem percebe que o adversário não é um inimigo que é preciso vencer a todo custo, mas sim é um "co-participante" com quem é preciso jogar. Nesta concepção, confere-se à prática do esporte um resgate ao espírito de coletividade, grupo ou equipe. Além do mais, Furter ainda coloca que o esporte, introduzido de forma sistemática e racional, na educação corporal do adolescente, parece satisfazer uma considerável parte de sua necessidade de expressão de movimento (FURTER, 1975).

É bem possível que se tenha aqui justificado o valor da utilização de conteúdos pertinentes à Educação Física no âmbito escolar. Num primeiro plano, a disciplina pode oferecer ao jovem aluno uma busca pelo estilo de movimento na sua dinâmica corporal, através de ensinamentos tecnicamente competentes. Num plano maior, pode orientá-los ao mesmo tempo, no sentido de comportamentos sociais moralmente satisfatórios, executando seu papel social, levando o aluno a ser agente de sua própria cultura, à qual ele é parte fundamental.

5. UMA ILUSTRAÇÃO DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA ADOLESCENTES

5.1. Justificativa

Na confecção de um trabalho de campo, através de um procedimento científico, buscou-se relacionar toda a abordagem teórica formada neste estudo específico do adolescente e um contato prático com a realidade vivida por eles nas escolas de 2º grau.

Para tal, considerando o corpo humano sob um referencial sócio-cultural, este trabalho analisou as opiniões de adolescentes em relação à prática escolar de Educação Física, tanto ao nível dos conteúdos desenvolvidos, como em relação aos valores associados ao corpo que esta prática expressa.

5.2. Método

Como método de pesquisa foi elaborado um questionário composto por quinze questões semi-abertas (vide Anexos). O mesmo foi aplicado em setenta e cinco jovens com idade entre treze e quinze anos, alunos da 7ª (sétima) série do 1º grau. Dos estudantes entrevistados:

a) Quarenta eram da rede particular de ensino, sendo vinte do sexo masculino e vinte do sexo feminino. As turmas de Educação Física eram separadas por sexo e as aulas eram ministradas por dois professores: um professor, responsável pela turma masculina, e uma professora, pela turma feminina; a escola está localizada na cidade de São Bernardo do Campo, região do ABC paulista.

b) Trinta e cinco eram da rede pública de ensino, sendo quinze do sexo masculino e vinte do sexo feminino. As turmas de Educação Física eram mistas e as aulas eram ministradas por um único professor do sexo masculino; a escola está localizada na cidade de São Caetano do Sul, região do ABC paulista.

5.3. Análise dos Dados

Primeiramente serão descritas as respostas obtidas do questionário separadamente nas duas escolas. No tópico seguinte será realizada uma interpretação destes dados, na comparação sistemática entre os dados gerados pelas duas escolas e sua relação com a teoria abordada neste estudo.

5.3.1. Análise da escola da rede PARTICULAR de ensino:

Dos quarenta alunos entrevistados, a expressiva maioria participa das aulas, 100% do grupo masculino e 95% do grupo feminino, confirmando tal fato. Aham as aulas ótimas ou boas 100% do masculino e 95% do feminino, comumente referindo-se à metodologia empregada nas aulas como justificativa.

Quando apontam os conteúdos de aula, verifica-se que os esportes são notavelmente lembrados, principalmente no masculino com 83,3% das respostas; já o feminino, indica ginástica e dança (30,1%) além dos esportes, com 31,7%. Percebe-se uma organização em bimestres, dispostos em modalidades específicas, a saber: 1º bimestre (futsal, com 57,2%), 2º bimestre (basquetebol, com 42%), 3º bimestre (handebol, com 64%) e, finalmente, 4º bimestre (voleibol, com 52%). Questionados sobre o que aprendem no decorrer das aulas, novamente os esportes são merecedores de atenção, com 100% das respostas do masculino e 61,5% do feminino. Ainda os esportes são lembrados dentre os conteúdos que os alunos consideram como útil nas aulas, com 78% das respostas.

Quando questionados se havia a percepção de diferenças entre desempenhos corporais nas aulas de Educação Física, 70% do masculino e 75% do feminino afirmam que sim. Aham majoritariamente, com 36%, que estas diferenças percebidas ocorrem devido ao interesse despendido às aulas. Afirmam ainda, de uma maneira geral, com 75% do masculino e 70% do feminino, que não existem corpos valorizados nas aulas. Salienciam ter um sentimento de igualdade quando comparam seus desempenhos corporais nas aulas, com 60% do masculino e 80% do feminino afirmando tal fato.

Reconhecem os alunos, com 80% das respostas do masculino e 100% do feminino, que o professor trabalha com as possíveis diferenças de desempenho corporal e procura, de uma forma ou de outra, fazê-lo com todos. Estimulados ainda a citar os itens mais valorizados no decorrer das aulas pelo professor, os alunos do grupo masculino afirmam disciplina, com 26%, e o feminino cooperação, com 28%.

De forma expressiva respondem que gostam da Educação Física e apontam mais uma vez os esportes como responsáveis, com 41%. Dentre a pequena fração dos que responderam não gostar das aulas, 12,5%, justificam a resposta principalmente pela carência de espaço, com 33,3%. Sugerem ainda os alunos uma aula ideal, citando itens relacionados à melhora do espaço, com 31,9%, e maior tempo de aula, com 23,8%.

5.3.2. Análise da escola da rede PÚBLICA de ensino

Dos trinta e cinco alunos entrevistados, tem-se, expressivamente, a participação do grupo masculino nas aulas com 100%, não sendo a mesma cifra repetida no feminino, que diz também participar com 75%. Aham majoritariamente as aulas ótimas ou boas, com 78% das respostas confirmando tal posição no masculino e 95% no feminino, referindo-se comumente à metodologia e ao conteúdo empregados, como justificativa.

Em termos de conteúdo de aula os alunos apontam em sua maioria, com 40,5% do masculino e 43,7% do feminino, os esportes. É percebida uma organização em semestres, dispostos em modalidades específicas, a saber: 1º semestre (Basquete com 89% no 1º bimestre e 76% no segundo bimestre); 2º semestre (Handebol, com 51% no 3º bimestre e 39% no 4º bimestre). Relatando ainda o que é aprendido no decorrer das aulas, os alunos citam os esportes, com 67% do masculino e 69% do feminino. Dentre o que os alunos consideram útil das aulas, tem-se os esportes como maior citação com 34%, seguido do por ginástica e trabalho com o corpo, ambos com 25%.

Estimulados a relatar se percebiam diferenças entre desempenhos corporais nas aulas de Educação Física, os alunos afirmam que sim, com 72,5% de respostas do grupo masculino e 65% do feminino. Em sua maioria, 44,8%, acham que es-

tas diferenças ocorrem devido a itens relacionados ao corpo. Questionados se existem corpos valorizados nas aulas, o grupo masculino, de uma maneira geral, com 66,5%, afirma que não; tal fato é contestado pela opinião feminina, que afirma sim, com 70% das respostas. Evidenciam ainda um sentimento de igualdade na comparação entre seus desempenhos corporais nas aulas, com 78,5% do masculino e 80% do feminino tal resposta.

Os alunos, majoritariamente, reconhecem, com 85% do grupo masculino e 70% do feminino, que o professor trabalha, de uma maneira ou de outra, com todo o grupo nas diferenças de desempenho corporal. Revelam ainda que os itens mais valorizados pelo professor no decorrer das aulas são: disciplina e cooperação, cada um com 23%, segundo o grupo masculino; já o feminino afirmou disciplina, com 31% das respostas.

Verifica-se uma certa divisão de opiniões quando os alunos apontam o porquê do gosto pelas aulas de Educação Física, onde referem-se na mesma proporção à esportes e itens relacionados ao trabalho com o corpo, ambos com 32,4%. Ainda uma considerável parcela, 22,8%, afirma não gostar das aulas não gostar das aulas, revelando a carência de uma metodologia eficiente, com 28,5% das respostas, como principal justificativa. Finalmente, uma aula considerada como ideal é sugerida, onde, com 26% das respostas, verifica-se o anseio pelo aumento da frequência de treinamentos esportivos.

5.4. Discussão dos dados

Será feita agora, uma confluência entre os dados apresentados pelas duas escolas, expondo um significado ao material coletado, procurando dar um sentido mais amplo às respostas, vinculando-as ao objetivo proposto pelo trabalho.

Em ambas as escolas percebe-se uma participação máxima do grupo masculino nas aulas de Educação Física, tal fato repetindo-se no feminino da escola particular. Porém, é perceptível no grupo feminino da escola pública um certo êxodo das aulas, já que uma considerável parcela afirma definitivamente não participar das mesmas ou o fazerem quando o querem. Talvez este dado implique numa certa facilidade que existe em burlar tais aulas, num caráter próximo ao descom-

promisso. Ainda é possível supor que as aulas não estejam atendendo ao interesse do público feminino nesta escola, apesar de ficar evidente pelas respostas dos alunos das duas escolas que as aulas são ótimas ou boas e que a metodologia empregada permitiu tal ocorrência.

Já com relação ao conteúdo empregado nas aulas de Educação Física nestas escolas, os esportes receberam expressiva citação. Porém no grupo feminino da escola particular, o item esporte dividiu as citações com ginástica e dança. É possível que estes últimos mereceram tal citação porque foram trabalhados com este público durante o ano letivo e firmaram seu lugar frente às preferências. Percebeu-se que as aulas são organizadas durante o ano letivo e os esportes amplamente utilizados como conteúdo. Todavia, uma diferença significativa foi evidenciada entre as duas escolas: a particular apresenta uma divisão em bimestre, sendo a cada um deles alternada uma modalidade esportiva a ser ministrada; já na pública, observa-se a concentração de uma mesma modalidade no semestre todo. Tal fato pode apontar uma ausência de variedade quanto ao conteúdo empregado nesta última escola e talvez um certo conformismo do profissional frente a tal situação. Estimulados a interpretar o que se aprende das aulas na escola e realmente se aplica no dia-a-dia, em diferentes situações, as respostas dos alunos da escola particular implicam novamente no gosto pelos esportes. Já na pública, os esportes dividem seu posto por citações com semelhante frequência aos itens ginástica e corpo. É possível que citando ginástica o aluno desta escola esteja se referindo a exercícios físicos gerais, num mínimo contato com a atividade física ou até num pré-aquecimento ("quebra-gelo") para iniciar um jogo.

Pode-se verificar em ambas as escolas a expressiva percepção dos alunos por diferenças entre desempenhos corporais apresentados nas aulas. Este fato pode ser uma referência ao reconhecimento por parte do jovem dos seus limites corporais, no tocante às suas capacidades adquiridas. E quando relatam o motivo de tais diferenças, obteve-se que, na escola particular, o item interesse mereceu maior citação. Por outro lado, os alunos da escola pública afirmam que as diferenças percebidas seriam causadas por fatores relacionados

ao trabalho com o corpo. Parece, aqui, que a metodologia empregada numa escola e outra pôde refletir tais respostas, já que ser dono de um corpo apto a executar determinadas tarefas nas aulas da escola pública é fator fundamental.

Um fato bastante interessante se firmou na questão de existir ou não corpos que são valorizados no decorrer das aulas de Educação Física, onde os grupos masculino e feminino da escola particular, e o masculino da escola pública, afirmaram a ausência destes corpos. Entretanto, esta não foi majoritariamente a resposta do grupo feminino da escola pública, que alegou existir esta valorização dos corpos. Furter cita que por várias ocasiões as jovens garotas, por convenções sociais, são impedidas de recorrer à força, uma qualidade evidenciada nas aulas, e assumem o papel de meras expectadoras, culminando até a uma certa inadaptação a estas aulas (FURTER, 1975). Pode ser que as respostas do grupo feminino da escola pública encontrem respaldo nesta fundamentação, já que corpos fortes numa aula mista assumem evidente vantagem com um conteúdo que pretenda frisar tal qualidade. Vale lembrar que não é propósito deste trabalho abordar a fundo temas como aulas mistas, onde vários autores dão conta especificamente deste assunto.

Ainda quando comparam seus desempenhos corporais, os alunos de ambas as escolas, de maneira geral, relatam possuir um sentimento de igualdade. Porém, resgatando implicações das respostas do grupo feminino da escola pública, como seria possível ser citada igualdade numa aula em que sabidamente existem corpos mais valorizados? Talvez assinale-se aí um certo conformismo feminino frente a uma aula que promove atividades onde suas reais expectativas e qualidades não são devidamente trabalhadas.

Quando à atuação do profissional nas aulas de Educação Física, é evidenciado pelos alunos destas escolas uma procura pelo trabalho com todos, apesar dos desnivelados percebidos. Tal fato pode comprovar a importância do educador no reconhecimento pelo aluno de uma tarefa moral acerca de uma atitude física. Quando relatam ainda os itens valorizados pelo professor nas aulas, cooperação e disciplina, de maneira geral e em ambas as escolas, são as mais citadas. É possível que aí se confirme a importância do esporte enquan-

enquanto conteúdo, promovendo através de uma complexidade de relações com o outro a busca pela cooperação. Além do que, é necessário uma certa disciplina para ser viabilizado o aprendizado de um fundamento ou outro.

Baseado no volume considerável de respostas, é possível compreender que os alunos de ambas as escolas gostam das aulas de Educação Física. Com relação ao motivo por tal afirmação, os alunos da escola particular apontam os esportes como os principais responsáveis, ao passo que, na escola pública, este mesmo item divide a intencionalidade das respostas com fatores relacionados ao trabalho do corpo. Parece que um mínimo contato com a atividade física nesta última escola possa garantir a compreensão pelo trabalho em geral do corpo. Observou-se ainda que uma considerável parcela dos alunos da escola pública afirma não ter gostado das aulas, tendo como justificativa, em sua maioria, a metodologia empregada. Seria possível que a falta de variedade de atividades, a constante repetição do mesmo conteúdo, entre outros motivos, exprima o descontentamento do aluno.

Finalmente, procurou-se estimular o que seria, na opinião dos alunos, uma aula considerada ideal. As respostas vindas das duas escolas foram radicalmente distintas: na particular, os alunos apontam que seria ideal se houvesse um maior espaço e que o tempo de aula fosse ampliado; na escola pública, os alunos sugeriram que se elevasse a frequência de treinos esportivos durante as aulas. Estas respostas podem confirmar, a princípio, a importância dada pelos alunos às aulas de Educação Física na escola particular, já que itens meramente físicos como espaço e tempo são revelados. As respostas também implicam possivelmente em demonstrar que na escola pública o conteúdo, no caso o esporte, tem sido utilizado como finalidade em si e não como meio, descaracterizando possivelmente o seu valor enquanto uma "ferramenta" educacional. Visto desta forma, itens como rendimento, performance, e outros, chegam a ser abusivamente valorizados. Pode-se até chegar ao extremo dos alunos que não possuem certa habilidade serem dispensados das aulas para os mais aptos serem trabalhados. Descaracteriza-se, portanto, o aspecto formativo das aulas.

Observou-se nestas escolas analisadas uma evidente

distinção quando abordadas questões relativas às aulas de Educação Física quanto à conteúdo, percepção de diferenças corporais, participação e atuação do profissional.

É válido novamente frisar que foi percebida uma citação considerável quanto aos esportes, com sua presença garantida na programação anual do conteúdo de aulas, como mediador na percepção de possíveis desempenhos corporais e até mais que isto, a valorização empregada pelo próprio aluno num ambiente que extrapola a própria escola. Portanto, parece ser indispensável combater a concepção de esporte na escola como algo limitado, preso a uma simples técnica didática veiculadora de modismos, uma busca frenética pela competição. Parece ainda fazer-se necessária uma conscientização por parte do profissional sobre o seu real papel na escola.

É preciso evidenciar que o perfil apresentado pelas escolas pesquisadas, a pública e a particular, não implica na concepção de que toda a rede de ensino se traduza nas respostas moldadas por elas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SUBSÍDIOS PARA UMA PRÁTICA ESCOLAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ADOLESCENTES

Este trabalho procurou, a partir de uma ótica cultural, buscar uma fundamentação teórica e um contato com a realidade escolar, promovendo um conjunto de subsídios para evidenciar a importância da disciplina Educação Física enquanto componente curricular, no trabalho com uma clientela adolescente.

CA princípio resgatou-se rapidamente implicações históricas na Educação Física, enfatizando que seu caráter nitidamente biológico apresentado, almejava meramente a busca pela saúde mental e física, a aquisição de um comportamento motor voltado para o desenvolvimento de habilidades e a manipulação de todas as potencialidades orgânicas do indivíduo. Era permitido desta forma conceber uma visão de Educação Física reducionista, limitada simplesmente ao aprimoramento do aparato corporal e objetivando, enquanto finalidade, o rendimento e a perfeição. Porém, percebeu-se que estas concepções não estagnaram no tempo, pois até os dias atuais é possível ainda encontrar uma expressiva cota de elementos puramente biológicos nas aulas de Educação Física ministradas nas escolas. Assim, a este corpo humano considerado como universal, numa visão extremamente organicista, foi contraposta uma concepção de relativismo mediado pela cultura, em conceitos emprestados pela Antropologia, permitindo atribuir a este corpo um significado mais amplo situado em sua realidade e época, configurando-o como um verdadeiro suporte de signos sociais.

Logo após, enfatizou-se especificamente a Adolescência, uma fase da vida do homem costumeiramente repleta de turbulências no âmbito educacional e marcadas por intensas transformações durante um período curto de tempo. Num primeiro momento, características sabidamente biológicas foram frisadas, relativas ao fenômeno universal da puberdade, atentando para as principais alterações motoras, afetivas e cognitivas do jovem. Contudo, mais do que considerar estas mudanças de ordem orgânica, seria contextualizá-las a fatores sócio-culturais

atuantes neste corpo mutante. Vista desta forma, as capacidades oferecidas por este novo potencial permitiriam ao jovem uma busca pela harmonia dos movimentos que agora os identificam, a ampliação de sua percepção sobre o mundo, estimulando-o a compreender os valores encarnados no seu corpo e permitindo vivenciar, com criticidade, alguns padrões determinados culturalmente.

A partir daí, buscou-se relacionar a disciplina Educação Física na escola com o trabalho através deste corpo carregado de significações, salientando sua contribuição para o desenvolvimento global do jovem vinculado a um ambiente social. Como suporte metodológico, foi utilizado um trabalho de campo a fim de obter uma maior noção da realidade prática do componente estendido aos alunos adolescentes, e a fim de possibilitar uma interpretação crítica do processo de ensino e aprendizagem proposto pelos estabelecimentos analisados. Verificou-se, entre outros, as limitações estruturais apresentadas pelas escolas, a citação expressiva dos esportes como conteúdo oferecido pelas aulas, o sentimento por diferenças de desempenho corporal entre os grupos e o reconhecimento pelo aluno do valor da Educação Física.

A partir das conclusões obtidas neste trabalho é possível discutir alguns princípios que podem subsidiar a prática do professor de Educação Física no trato com o público adolescente. O profissional de Educação Física, a priori, poderia considerar, na sua atuação, aspectos sócio-culturais, dando à disciplina um horizonte que extrapole sua mera especificidade, atuando de forma competente apesar de possíveis limitações das condições físicas apresentadas. Com relação aos esportes, citados de forma expressiva pelos alunos pesquisados, poderia o mesmo ser trabalhado em conjunto com uma variedade de outros conteúdos, como um meio para refletir a sociedade em que se vive, discutindo como uma determinada se infiltrou na nossa cultura e a reflete, permanecendo até os dias de hoje. Argumentar ainda, junto ao aluno, o seu valor enquanto manifestação de uma prática corporal. Pode-se levar ao sentido de socialização pela cooperação em grupo e respeito ao próximo como adversário. Usufrui-se assim das técnicas esportivas para que, em conjunto com os alunos, possa-se atingir uma visão crítica acerca do mundo em que se vive.

Enfim, pode-se oferecer aos aluno jovem, através de toda uma abordagem fundamentada, uma exploração de seu potencial questionador, combatendo uma visão de corpo que reflita reduções mecanicistas a serviço de uma prática alienante. Pode-se ainda ampliar este gosto pelas aulas de Educação Física verificado nos alunos através de uma atuação consiente que privilegie a formação deste jovem contextualizado no seu tempo e lugar, preparando-o para uma vida adulta que se aproxima.

DAOLTO, J.

abordagem

Educação

Campinas

DONEDA, S.

Kipist

cação F

corpo e

radiação

REC/SE

ENCYCLOP

10. v.

FURTER, P.

mentos

zes, 17

BODDY, E.

10. 580

XOFES, S.

corpo e

re abor

ara, 52

Papine

BAUSS, H.

Stu. Pa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, D. O que é adolescência. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BRUHNS, H.T. org. Conversando sobre o corpo. Campinas, Papirus, 1985.
- DAOLIO, J. Educação Física escolar - uma abordagem cultural. In: PICCOLO, W.N. org. Educação Física escolar: ser ou não ter. Campinas, Unicamp, no prelo.
- DONEDA, D. Adolescência e corpo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física e Desporto. Valores humanos, corpo e prevenção: a procura de novos paradigmas para a Educação Física. Brasília, MEC/SEFD, 1986. p.41-47.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. São Paulo, v. 3, 1982.
- FURTER, P. Juventude e tempo presente: fundamentos de uma pedagogia, Petrópolis, Vozes, 1975.
- GODOY, F. Rebeldia. Jornal Folha de São Paulo São Paulo, c.6, p.4, 27-julho-1992.
- KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo quem fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, H.T. org. Conversando sobre o corpo. Campinas, Papirus, 1985.
- MAUSS, M. Sociologia e antropologia. v. 1, São Paulo, EPU, 1974.

MUOSS, R. Teorias da adolescência. 5.ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1976.

PIAGET, J.; INHELDER, B. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo, Pioneira, 1976.

RODRIGUES, J.C. Tabu do corpo. 4.ed. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

SALEM, T. Filhos do milagre. Ciência Hoje. Rio de Janeiro, v.5, n.25, p.30-36, set, 1986.

SETIAN, N; COLLI, A.S.; MARCONDES, E. coord. Adolescência. São Paulo, Sarvier, 1979.

SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta curricular para o ensino de Educação Física - 2º grau. São Paulo, SE/ CENP, 1992.

ZANLORENZI, E. Português- será que dá tempo? Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas, v.12. 1,2,3, p.261-266, 1992.

1) Você participa?

- a) Sim
 - b) Não
 - c) às vezes
- Por que? _____

2) O que você acha?

- a) Ótima
 - b) Boas
 - c) Regulares
 - d) Ruins
- Por que? _____

3) O que você faz
de-se assinalar

- a) Esportes
- b) Ginástica
- c) Brincadeiras
- d) Dança
- e) Outros _____

ANEXOS

4) O que foi feito
deste ano?

- 1º Bimestre _____
- 2º Bimestre _____
- 3º Bimestre _____
- 4º Bimestre _____

Novas outras _____

5) O que você acha

PESQUISA

1) Você participa das aulas de Educação Física na escola?

- a) Sim
- b) Não
- c) Às vezes

Por que? _____

2) O que você acha das aulas de Educação Física?

- a) Ótima
- b) Boas
- c) Regulares
- d) Ruins

Por que? _____

3) O que você faz nas aulas de Educação Física? (Obs: Pode-se assinalar mais de uma alternativa).

- a) Esportes
- b) Ginástica
- c) Brincadeiras, jogos recreativos
- d) Dança
- e) Outros _____

4) O que foi feito nas aulas de Educação Física ao longo deste ano?

- 1º Bimestre: _____
- 2º Bimestre: _____
- 3º Bimestre: _____
- 4º Bimestre: _____

Houve outra sequência que não esta?

5) O que você aprende nas aulas de Educação Física?

6) Com relação ao que você aprende nas aulas de Educação Física, explique:

a) Tudo que aprendi utilizo no meu dia-a-dia

b) Parece não ter nada a ver com nada

c) Algumas coisas são úteis

7) Você percebe diferenças importantes entre o seu desempenho corporal e o de outros colegas nas aulas de Educação Física?

a) Sim

b) Não

8) Caso são percebidas diferenças, você acha que isso acontece devido a que?

9) Você acha que existem corpos (Ex: forte, magro, alto) que fazem mais sucesso nas aulas de Educação Física e por isso são mais valorizados?

a) Sim

b) Não

Quais? _____

10) Na comparação de seu desempenho corporal com o de seus colegas, qual é o sentimento que você tem?

a) Dominação

b) Igualdade

c) Inferioridade

d) Outros: _____

11) Como o seu professor trabalha com as diferenças de desempenho corporal que os alunos apresentam?

a) Ele reconhece e procura de uma forma ou de outra trabalhar com todos;

b) Ele pode até reconhecer, mas parece que é indiferente;

c) Ele definitivamente não reconhece.

2) Quais itens que são valorizados pelo professor nas aulas de Educação Física? (Obs: Pode-se assinalar mais de uma alternativa).

a) Competição

b) Cooperação

c) Disciplina

d) Lazer

e) Ensino de Habilidades

Outros: _____

3) Por que você gosta das aulas de Educação Física?

4) Por que você não gosta das aulas de Educação Física?

5) O que você acha que falta para que as aulas de Educação Física sejam ideais?
